



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO DISTÂNCIA.
CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB

**DESAFIOS ENCONTRADOS PELOS PROFESSORES NAS SALAS DE AULAS DE
ALFABETIZAÇÃO NA E.M.E.I.F ANTÔNIO JOSÉ DE ANDRADE –
MUNICÍPIO DE MOGEIRO - PB**

CAMPINA GRANDE – PB

2019

GILCÉLIA SANTOS DA SILVA

**DESAFIOS ENCONTRADOS PELOS PROFESSORES NAS SALAS DE AULAS DE
ALFABETIZAÇÃO NA E.M.E.I.F ANTÔNIO JOSÉ DE ANDRADE –
MUNICÍPIO DE MOGEIRO - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa de graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requerimento parcial à obtenção de Título de Pedagogo. Orientado pela professora Maria de Fátima Ferreira de Araújo.

CAMPINA GRANDE - PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586d Silva, Gilcelia Santos da.
Desafios Encontrados pelos Professores nas Salas de Aulas de Alfabetização na E.M.E.I.F Antônio José De Andrade – Município de Mogeiro - Pb [manuscrito] / Gilcelia Santos da Silva. - 2019.
35 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Campina Grande, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Maria de Fátima Ferreira de Araújo, Departamento de Biologia - CCBS."
1. Educação . 2. Alfabetização. 3. Prática em sala de aula.
I. Título

21. ed. CDD 370.1

GILCÉLIA SANTOS DA SILVA

DESAFIOS ENCONTRADOS PELOS PROFESSORES NAS SALAS DE AULAS DE
ALFABETIZAÇÃO NA E.M.E.I.F ANTÔNIO JOSÉ DE ANDRADE –
MUNICÍPIO DE MOGEIRO - PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao programa de graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requerimento parcial à obtenção de Título de Pedagogo. Orientado pela professora Maria de Fátima Ferreira de Araújo.

Aprovada em: 26/06/2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dra. Maria de Fátima Ferreira de Araújo (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª. Mc. Silvânia Karla de Farias Lima

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Dra. Maria José Guerra

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A elaboração do presente TCC não seria possível sem o apoio de alguns intervenientes. Assim, pretendo agradecer a todos os que sempre me apoiaram e contribuíram para a realização e concretização desta etapa.

Deste modo, agradeço:

A Deus.

À minha família, pois tudo isto foi possível graças ao esforço e dedicação que sempre tiveram.

À Professora Dra. Maria de Fátima Ferreira de Araújo pela sua disponibilidade e compreensão, orientando e guiando o desenrolar do meu trabalho, manifestando sempre as suas opiniões enriquecedoras para o crescimento da minha dissertação e enriquecimento da minha formação.

Às educadoras e assistentes operacionais da Escola Antônio José de Andrade onde foi desenvolvido o estudo, por toda a atenção, compreensão e conhecimentos transmitidos durante a minha estadia.

A todos os docentes que contribuíram para a minha formação ao longo da licenciatura em Pedagogia, por todos os conhecimentos, dedicação e contributo para o meu crescimento pessoal e educacional.

Às amigas com as quais desenvolvi a prática e que sempre estiveram presentes, com todo o apoio, carinho e compreensão.

A todos, o meu muito obrigado!

Para aprender a ler e a escrever é preciso apropriar-se desse conhecimento, através da reconstrução do modo como ele é produzido. Isto é, é preciso reinventar a escrita. Os caminhos dessa reconstrução são os mesmos para todas as crianças, de qualquer classe social.

Emília Ferreiro

DESAFIOS ENCONTRADOS PELOS PROFESSORES NAS SALAS DE AULAS DE ALFABETIZAÇÃO

GILCÉLIA SANTOS DA SILVA¹

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) tem por objetivo discutir as questões que permeiam o cotidiano escolar do professor alfabetizador, com ênfase nos desafios enfrentados em sala de aula por esses profissionais, pois, muitas vezes, o alfabetizador se depara com obstáculos que limitam seu trabalho e retardam o processo de ensino aprendizagem dos alunos. Dessa forma, analisando a prática diária da professora Francileide Sá, e considerando as contribuições teóricas de autores como: Cambi (1999), Ferreiro (1985), Lemle (1988), Nérici (1972), Piaget (1977), Poerch (1990) pudemos refletir teoricamente, e na prática como se dá o desafio de alfabetização dos alunos em sala de aula. Constatando que alguns dos desafios enfrentados pelo alfabetizador são a pouca formação focada na alfabetização, a falta de participação dos pais na vida escolar dos filhos e o alto índice de indisciplina presente em sala de aula. Mediante estes resultados, concluiu-se que para superar os desafios propostos, o educador deve agir em conjunto com a comunidade escolar e com os pais para rever ações e criar outras medidas no intuito de oferecer uma educação qualitativa ao aluno.

Palavras-chave: Desafios. Professor alfabetizador. Sala de aula.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia/PARFOR/CAPES/UEPB, CAMPUS I. E-mail: gilceliasilva@hotmail.com.

ABSTRACT

This work aims to teach the issues that occur in the teaching classroom of the literacy teacher, with emphasis on the challenges faced in the classroom through professionals, as they can be literate in their work and in their work. learning process of students. In this way, analyzing the practice of French language self-response, Cambi (1999), Ferreiro (1985), Lemle (1988), Nérici (1972), Piaget (1977), Poerch (1990). Noting that some of the challenges faced by literacy teachers are a bit of literacy training, a lack of parental involvement in children's school life, and a high level of indiscipline in the classroom. The results were then completed with the goal of overcoming the challenges proposed, and then the results were presented together with a school community and with parents to review actions and create other activities that did not have a qualitative education for the student.

Keywords: Challenges. Teacher literate. Classroom.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 O processo de alfabetização	12
2.2 O professor Alfabetizador enquanto pesquisador	18
3. ASPECTOS HISTÓRICOS.....	21
3.1 Um pouco da história de Mogeiro	21
3.1.1 História Política	21
4. IDENTIFICAÇÃO E HISTÓRICO DA ESCOLA	23
4.1 PERFIL DA COMUNIDADE ESCOLAR	23
4.2 Descrição da realidade escolar	23
4.2.1 Infraestrutura	23
4.2.2 Equipamentos e materiais da escola	24
4.2.3 Recursos Humanos	25
4.2.4 ASPECTOS DOUTRINAIS E FILOSÓFICOS	27
4.2.4.1 Filosofia da Escola	27
4.2.4.2Objetivos Educacionais	27
4.2.5 PLANEJAMENTOS DE ENSINO E AVALIAÇÃO	28
5. RELATO DE OBSERVAÇÃO	29
6. RELATO DA INTERVENÇÃO NA SALA DA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	30
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
9. APÊNDICE	35

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) tem como objetivo analisar as dificuldades do **PROFESSOR ALFABETIZADOR** em sala de aula, já que nos dias atuais a sociedade tem atribuído ao professor a grande responsabilidade de sanar as carências intelectuais, emocionais, familiares dos alunos e evitar que estes sejam futuros analfabetos funcionais. Nesta busca constante por novos métodos e práticas pedagógicas, o professor tem visto a alfabetização como uma fase distinta e delicada, a qual requer mais conhecimentos específicos na área.

Nesta perspectiva, construíram-se questões que nortearam este trabalho, tais como: quais os desafios que dificultam o fazer pedagógico do professor alfabetizador? Por que o professor alfabetizador se encontra tão tenso na atualidade em relação à sua práxis pedagógica?

Falar de alfabetização é um tanto complexo até mesmo pela diversidade de métodos utilizados, e ainda devido às dificuldades de aprendizagem dos alunos, reprovações e evasão escolar. Assim, a alfabetização caracteriza-se por uma fase muito importante no desenvolvimento do aluno, sendo a base para conhecimentos futuros. Segundo o dicionário Aurélio, alfabetizar é ensinar a ler e a escrever ou dar instrução primária, sabemos que alfabetizar vai muito além de ensinar a ler e escrever, nesta tarefa, a linguagem é uma fiel aliada dos educadores neste processo de ensino/aprendizagem.

A linguagem é uma área importante na aquisição da leitura e escrita, pois ela permite que o homem estabeleça uma comunicação intersubjetiva, ou seja, estabeleça a troca e o diálogo, ampliando seu vocabulário e elaborando novas hipóteses silábicas. Muitos estudos afirmam que o sujeito se constitui em dois momentos, primeiro no social e depois no individual, numa apropriação ativa e constante. Na escola esse processo ocorre de forma contínua, remetendo ao educador um papel importante como mediador do processo da aquisição da leitura e escrita, com intervenções pedagógicas coerentes, já que os conhecimentos resultam da pluralidade de sentidos e significações compartilhadas no coletivo, que aos poucos vão sendo produzidos. Conforme Lemle,

É claro que, além dos conhecimentos básicos, o alfabetizador precisa de outros dons para se sair bem. Ele deve ter respeito pelos alunos, evitar o papel de cúmplice de um sistema interessado em manter esmagada uma grande parte do seu povo, confiar na capacidade de desenvolvimento dos alunos e ter criatividade, inventividade, iniciativa, combatividade e fé em sua capacidade de tornar este mundo melhor. (LEMLE, 1988, p.6)

Grandes são os anseios do alfabetizador em favor de uma educação qualitativa e igualitária, que ofereça oportunidades para o educando avançar rumo à conhecimentos significativos, que inclua o aluno na cultura grafocêntrica (cultura centrada na escrita) e não exclua. Por esta e outras atribuições que o professor alfabetizador se encontra apreensivo diante de tamanha responsabilidade no cenário educacional.

Diante de tantos desafios, é visível a fuga dos professores das séries iniciais das salas de alfabetização, poucos encaram e adquirem experiências metodológico-pedagógicas para enriquecer o universo da alfabetização.

Para alcançar os objetivos propostos, este estudo utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo mediante revisão bibliográfica, compilando estudos sobre obras que trazem em seu bojo informações e definições relevantes ao desdobramento do trabalho.

O estudo foi ancorado nas ideias e concepções de autores como: Cambi (1999), Ferreiro (1985), Lemle (1988), Nérici (1972), Piaget (1977), Poerch (1990).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O processo de alfabetização

A educação infantil é o primeiro contato da criança com a escola, é nela que dar-se início o seu processo de aprendizagem, porém, durante muito tempo, foi vista como parte da aquisição do código escrito que formava o aluno para as séries seguintes.

Cambi, (1999, p.638) ressalta que, nas últimas décadas, o processo de alfabetização vem passando por mudanças que instigam as mais exigências e novas formas educativas, novos processos formativos/educativos e novas orientações políticas culturais, os quais trouxeram ao alfabetizador novas formas de planejar de acordo com cada criança, visando formar um ser social e crítico. Essa mudança no cenário educacional se deu também devido aos estudos sobre a psicogênese da aquisição da língua escrita, com as contribuições de Emília Ferreiro & Ana Teberosky (1985) que enfatizavam que a alfabetização não era a mera codificação e decodificação do sistema linguístico, mas se caracterizava como um processo ativo em que a criança em contato com a cultura escrita ia aos poucos (re)construindo hipóteses sobre a língua escrita, até chegar à escrita convencional, como nos afirma Ferreiro (1985).

Por isso, o professor alfabetizador que está inserido em sala de aula tem o dever de oferecer uma educação de qualidade, e isso requer formação e competência para desenvolver um trabalho satisfatório. É visível também em alguns professores a falta de interesse por novos conhecimentos, pela busca pessoal de novas ferramentas pedagógicas em sala de aula para aperfeiçoar seu trabalho. O professor alfabetizador é o agente que estimular as descobertas da língua escrita até chegar à escrita convencional.

Existe outro desafio bem pertinente, a falta de apoio e acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos, o professor se depara sozinho nesta missão de alfabetizar a qualquer custo. Um fator bem interessante é que os pais atribuem ao professor a culpa do fracasso escolar do filho, assim se estabelece no seio escolar a "briga" histórica entre **Escola X família**. O abandono escolar de alguns pais é revoltante, pois esse cenário é visível com muita frequência, no meio escolar. Muitos alunos vão e voltam com as tarefas em branco, chegam à sala de aula desmotivados, corroborando a tese de que os alunos necessitam de estímulos exteriores para a construção de aprendizagens e não os encontram. A legislação é bem clara e específica quanto às atribuições da família e do Estado, a Constituição Federal, em seu artigo 205, afirma que "a educação é direito de todos e dever do Estado e da família". A educação informal é obrigação da família e formal do Estado, por isso as duas instituições devem

sempre estar em constante sintonia para priorizar uma boa educação. Sobre essa relação Nérici (1972) salienta que:

A educação deve orientar a formação do homem para ele poder ser o que é, da melhor forma possível, sem mistificações, sem deformações, em sentido de aceitação social. Assim, a ação educativa deve incidir sobre a realidade pessoal do educando, tendo em vista explicitar suas possibilidades, em função das autênticas necessidades das pessoas e da sociedade. (NÉRICI, 1972, p.12)

Diante deste estudo, enfatiza-se que a tarefa do professor alfabetizador é árdua, pelas grandes dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar, afinal é o alfabetizador quem irá abrir as janelas da leitura e da escrita para o educando avançar rumo às novas aprendizagens. Segundo algumas raízes teóricas é o educador que deve oferecer condições ao educando para a construção da leitura e da escrita no contexto escolar. Deve-se descartar a concepção errônea de que o aluno deve ser fruto de uma educação bancária, e incluir nas práticas educativas metas em prol de uma educação com sentido de construção não só de conhecimentos científicos, mas de significados, valores e cidadania no dia a dia escolar. Faz-se necessário repensar a educação com foco nas relações interpessoais, oferecendo ao aluno meios e possibilidades para a construção de uma aprendizagem significativa.

Em uma sala aula de alfabetização, são inúmeros os desafios encontrados, o processo de alfabetização inicia muito antes da entrada da criança na escola, a qual é submetida a mecanismos formais de aprendizagem de leitura e de escrita. Entende-se por alfabetizar o processo pelo qual se adquire o domínio de um sistema linguístico e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja, o domínio das ferramentas e conjunto de técnicas necessárias para exercer a arte e a ciência da escrita e da leitura.

Diante deste desafio, o professor alfabetizador se depara com várias situações que o desafiam no seu dia a dia, tendo em vista que o quadro educacional passou por grandes mudanças devido ao novo modo de construir conhecimentos, alinhados aos acontecimentos atuais com foco na particularidade do aluno. Portanto, na alfabetização a ação educativa do professor também sofreu esta influência, com a utilização de temas atuais com ênfase na formação intelectual e social do aluno. Essa mudança no cenário educacional se deu também devido aos estudos sobre a psicogênese da aquisição da língua escrita, com as contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), que enfatizavam que a alfabetização não era a mera codificação e decodificação do sistema linguístico, mas se caracterizava como um processo ativo em que a criança em contato com a cultura escrita ia aos poucos

(re)construindo hipóteses sobre a língua escrita, até chegar à escrita convencional, como nos afirma Ferreiro (1985).

As dificuldades que enfrentamos hoje na alfabetização são agravadas tanto pelo passado, a herança do analfabetismo e das desigualdades quanto pelo presente quando se diz respeito à ampliação do conceito de alfabetização e das expectativas da sociedade em relação a seus resultados. Tem-se também alegado que o problema da alfabetização escolar tem como base principal a implantação de metodologias de ensino baseadas no construtivismo e no conceito de letramento, por esta razão defende-se a utilização de métodos de base fônica.

Desse modo, vejo que o processo de alfabetização é radicalmente diferente: no lugar de uma criança que espera passivamente reforço externo de uma resposta produzida pouco menos que ao acaso, aparece uma criança que procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta, e que, tratando de compreendê-la, formula hipóteses, busca regularidades, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática (que não é simples cópia deformada do modelo adulto, mas sim criação original). FERREIRO(1985) afirma:

O alfabetizador é um profissional do ensino de línguas e, como tal, além do domínio e das técnicas pedagógicas deve possuir sólidos conhecimentos lingüísticos tanto da língua, enquanto meio de comunicação, quanto sobre a língua, enquanto objeto de análise. (POERSCH, 1990, p. 37)

O processo de alfabetização requer muito cuidado e atenção tanto para o discente, aquele que irá ser alfabetizado, quanto para o docente, aquele que é incumbida a tarefa de alfabetizar. Segundo Cagliari (2008, p.05) explica a alfabetização como o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, nos parece muito simples essa concepção, ou seja, “codificar” e “decodificar”, porém há inúmeros desafios para o professor para que seu educando se aproprie de maneira significativa desse processo. O primeiro desafio de um professor alfabetizador é fazer com que a criança crie um pensamento simbólico, de tal maneira que ela consiga estabelecer uma relação entre os sons da fala com as letras do alfabeto, processo este que requer muito esforço do professor, pois este deverá fazer com que a criança estabeleça uma relação simbólica entre dois objetos.

Um segundo desafio encontrado nas salas de alfabetização é criar a noção no educando de diferenciar as letras, logo, existem letras em nosso sistema alfabético que tem sons parecidos, portanto, o professor deve explicar as crianças que as letras não são parecidas com os objetos do seu cotidiano. E ainda, se faz necessário trabalhar a organização espacial da escrita, assim, explicar a criança que se escreve da esquerda para a direita, exemplo, como

também de cima para baixo. Para Ferreiro (2011) há a necessidade de oportunizar a escrita para as crianças mesmo antes de iniciar o processo de alfabetização, mesmo que ela ainda não saiba.

De acordo com o que pudemos observar na escola Antônio José de Andrade, o professor terá a função de mediar este processo, e propor desafios por meio de atividades planejadas com intencionalidade pedagógica. Assim, aos poucos o educando fará novas descobertas e (re)construirá hipóteses. Por isso, o estímulo visual com o uso de diferentes gêneros textuais é imprescindível nessa etapa. Essas tentativas de escrita são imprescindíveis nesse momento, pois fornece à criança a possibilidade de formular hipóteses sobre o funcionamento e a utilidade do sistema alfabético.

Passando-se essa etapa de enfrentamento desses problemas de percepção da criança inicia-se a alfabetização em si. A princípio, o professor deve ter em mente que o processo de alfabetização não é um processo homogêneo para todos, ou seja, para cada discente o processo é diferente e requer, muitas vezes, práticas e metodologias distintas.

O próprio conjunto de conhecimentos construídos anteriormente ao ingresso à escola não é uniforme. Alguns alunos chegam à sala de aula já tendo certa familiaridade com as letras, sabendo nomeá-las e, alguns, até entendendo a lógica de junção dessas letras para formar palavras; outros chegam sem compreender que os símbolos que usamos (letras) são convenções sociais e acham que podem escrever com rabiscos ou mesmo com desenhos. (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p.90)

Portanto, o professor alfabetizador deve com seu olhar diagnosticar como ocorreu os caminhos de aprendizagem do aluno e seu entendimento sobre a língua escrita. De acordo com Ferreiro (2011) há um caminho evolutivo que aponta as hipóteses de escrita alfabética elaboradas pelas crianças. Hipóteses estas que seguem abaixo:

1. Hipótese Pré-silábica: a criança consegue diferenciar imagens de letras e palavras, porém acredita que exista uma relação entre as formas gráficas de escrita e seus significados. De tal maneira que ocorre na criança o que se chama de realismo nominal, no qual ela acredita que as palavras tem relação com as características dos objetos que elas representam.

2. Hipótese silábica: se estabelece relação entre a escrita e a fala, no qual a criança corresponde a cada sílaba falada com uma letra, sem as repetir. Existem dois eixos nessa fase, o quantitativo e qualitativo. No quantitativo, a criança relaciona as sílabas com letras aleatórias, ou seja, as letras são usadas sem conceber seu valor sonoro, essas letras são,

geralmente, as letras que compõe o nome da criança. No eixo quantitativo, as crianças usam as letras, geralmente vogais, conforme seu valor sonoro convencional;

3. Hipótese silábico-alfabética: nesse período a criança se prepara para construir um novo processo de escrita, pois o processo silábico se desestabiliza progressivamente quando a criança descobre que uma sílaba é formada por elementos menores;

4. Hipótese alfabética: ocorre a compreensão do sistema de escrita, no qual a criança consegue identificar e construir palavras, pois reconhece os fonemas da língua.

Todas as hipóteses e os aspectos citados acima são importantes para a alfabetização, atualmente, exige-se da escola um avanço na questão da leitura e escrita, pois somente o conhecimento sobre “codificação” e “decodificação” não assegura que os estudantes sejam capazes de produzir e interpretar vários gêneros textuais. Assim, o “conceito de alfabetização passou a ser vinculado a outro fenômeno: o letramento” (SANTOS; MENDONÇA, 2007, p.16) e com isso o professor se defronta com o desafio de alfabetizar letrando. O letramento demanda a leitura e produção de diversos gêneros de textos que circulam socialmente com o intuito de formar leitores críticos e cidadãos que consigam interpretar vários textos, entendendo sua estrutura e forma de comunicação. “Alfabetizar letrando é, portanto, oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabético” (SANTOS; MENDONÇA, 2007, p.98).

Por conseguinte, para uma atividade de consciência fonológica considerar o nível de hipótese em que a criança se encontra, o nível linguístico que a tarefa exige e as mudanças ocorridas na fala, é preciso planejamento, reflexão e aperfeiçoamento da prática pedagógica.

A execução de ações que tragam um bom suporte teórico/pedagógico para esses profissionais são urgentes no meio educacional, pois muitos estão "grudados" nos livros didáticos por medo de ousar e errar. É preciso que ocorram novas mudanças no fazer educativo com ênfase nas práxis pedagógica, ação – reflexão – ação de sua prática educativa atrelada à teoria. Considerando que estes professores alfabetizadores terão mais dificuldades para alfabetizar seus alunos e ainda poderá desencadear nesses alunos dificuldades de leitura e escrita ao longo de sua vida escolar.

O uso do livro didático é um apoio, um suporte que norteia o professor-alfabetizador durante a apresentação e desenvolvimento de seu trabalho em sala, não é raro ver que um professor limite-se a cartilha por se sentir inseguro diante dos desafios encontrados em sala, onde se tem crianças com pais analfabetos que não repassam nenhum tipo de estímulo para

que estes avancem, famílias totalmente desestruturadas que fazem com que as crianças venham a se ausentar por dias seguidos do cotidiano escolar, fato este que atrasa ainda mais o processo de aprendizagem e alfabetização, o mau comportamento em sala, a falta de estrutura adequada e a má formação de alguns professores. Diante desse contexto, o professor que está inserido em sala de aula tem o dever de oferecer uma educação de qualidade, e isso requer formação e competência para desenvolver um trabalho satisfatório.

A partir do momento que o educador dispõe de uma boa formação e que busca sempre uma renovação, facilitará ainda mais a aprendizagem do aluno, a busca por novas ferramentas e disponibilizar-se de recursos e materiais é extremamente relevante para o alcance de um trabalho de qualidade, pois, “as práticas de alfabetização passaram a valorizar um pouco mais escritos dos estudos dos alunos, mas a dificuldade persiste em planejar atividades que contribuam para o processo inicial de aquisição da escrita” (Estácio 2017 p. 78). Dessa forma, percebe-se que a gestão e a coordenação escolar são de grande importância, pois, muitas vezes, a falta de planejamento ou um planejamento inadequado, acaba regredindo a aprendizagem do aluno, considerando que o sujeito é fruto de um bom planejamento e uma boa prática. As dificuldades vão além dos muros da escola, em que cabe planejar de acordo com cada realidade. Outro fator que implica no processo de ensino e aprendizagem é a falta de participação dos pais, pois a colaboração destes é de grande influência nas práticas educativas, sendo que o desenvolvimento da alfabetização e aquisição da escrita surge também do incentivo familiar e social.

No estágio de observação e intervenção na área de Educação Infantil, o qual realizei na E.M.E.I.F Antônio José de Andrade, município de Mogeiro, na sala da professora Francileide Sá, notava-se a qualificação de suas aulas e sua metodologia diferenciada esta atraía o olhar de cada criança e fazia com que o índice de crianças alfabetizadas na idade certa fosse o mais alto da sua comunidade. A professora contava com uma ferramenta pedagógica, o PNAIC- Pacto Nacional Pela Alfabetização Na Idade Certa- onde a cada formação trazia algo novo para sua sala, diversificado ainda mais suas aulas, contava também com o SOMA que se trata de um Pacto pela Aprendizagem da Paraíba, o qual tem plataformas de acompanhamento onde o professor alfabetizador tem a oportunidade de aprender e repassar com maior facilidade a aprendizagem, duas ferramentas que ajudam no processo de alfabetização, pois a professora pode ancorar suas práticas pedagógicas nestes dois subsídios.

De acordo com o caderno de Apresentação, O Pacto (PNAIC) tem quatro eixos de atuação:

- 1. Formação continuada de professores alfabetizadores:** curso presencial com duração de dois anos para os professores, ministrados pelos orientadores de estudos, educadores que fazem um curso específico, com duração de 200 horas por ano, realizados pelas universidades públicas nacionais. O material para a capacitação foi desenvolvido pela universidade de Pernambuco (UFPE) com a colaboração de 11 instituições de ensino superior.
- 2. Materiais didáticos e pedagógicos:** livros, obras complementares, dicionários, jogos de apoio à alfabetização, entre outros materiais que são disponibilizados para os professores e alunos.
- 3. Avaliações:** processo pelo qual o poder público e os professores acompanham a eficácia e os resultados do Pacto nas escolas participantes. Por meio dessa avaliação, poderão ser implementadas soluções corretivas para as deficiências didáticas de cada localidade.
- 4. Gestão, controle social e mobilização:** sistema de gestão e de monitoramento, com o intuito de assegurar a implementação das etapas do Pacto. O sistema de monitoramento (SIS Pacto), disponibilizado no sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle (SIMEC), possibilita esse acompanhamento constante pelos atores envolvidos no Pacto. (IZUMI, SD)

Sabemos como é importante para os professores se apropriarem de tais ferramentas que subsidiem seu trabalho alfabetizador em sala de aula. A formação dos professores está verdadeiramente ligada a questões de conhecimentos, de currículo, de mudanças culturais e de novas tecnologias.

2.2 O professor Alfabetizador enquanto pesquisador

Nos dias de hoje há uma banalização do saber e ensinar, pois são muitos os requisitos que fazem a diferença entre o professor que sabe e o que sabe ensinar. Construiu-se a imagem de que qualquer um pode ensinar, o que vem banalizando o ensino nas escolas. A formação de um educador não requer somente as aprendizagens cognitivas sobre os diversos campos do conhecimento, mas também deve haver uma preparação filosófica, científica, técnica e até afetiva para o ensinar.

Assim, o grande educador Paulo Freire (1996 p.32) afirma no livro “Pedagogia da Autonomia” que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que – fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar e anunciar a novidade.

Perceber que há uma divergência entre o real e o ideal ensinado aos educadores em sua formação. Como Elok comenta em seu texto “... vemos nos meios de comunicação falas de grande importância, mas quando se observa o real pode-se notar que muitas vezes nada é como necessitaria ser. Por isso, o professor alfabetizador deverá pesquisar como se dará a construção da sua prática e do seu ensino [...]”. Sendo assim, nota-se que o professor é um eterno pesquisador ressignificando seus aprendizados para adequar-se à nova e todas as gerações que irá encontrar em sala de aula.

É importante percebermos e refletirmos sobre a questão da compreensão do conhecimento produzido pelo professor alfabetizador e as crianças, conhecimento este voltado para o resgate da produção do cotidiano escolar, este é muito importante para as práticas dos professores alfabetizadores.

De tal maneira que

No processo de transformação da professora alfabetizadora em professora pesquisadora estabelece-se um movimento prática - teoria- prática como critério de verdade. É no cotidiano da sala de aula que a teoria é validada, iluminando a prática e fazendo-a a prática e fazendo-a avançar, confirmando-se ou sendo negada pelas evidências empíricas, o que desafia à construção de novas explicações. Daí que as discussões teóricas são todo o tempo reportadas à prática alfabetizadora trazida pelas professoras, num processo que visa à recuperação da unidade dialética teoria e prática. A Teoria vai sendo atualizada e ganhando sentido e a prática vai adquirindo maior consistência. A primeira leitura da escola, na medida em que a teoria é incorporada, vai se tornando mais fina e aguçada, possibilitando à professora ler a realidade escolar e sua complexidade, antes despercebida. O olhar ocasional torna-se olhar intencional e mais apurado, porque enriquecido pela teoria (GARCIA, 1996, p.23)

Assim, para formar cidadãos críticos, conscientes e alfabetizados não existe uma fórmula pronta e acabada como uma receita de bolo; é importante percebermos que a prática diária do professor em sala de aula e a realidade de sua turma sempre cobrarão do professor sua saída da zona de conforto que é proporcionada pela formação inicial e impulsionará a busca pela atualização, pela formação continuada, pela construção e reconstrução de suas metodologias e práticas, muitas vezes, exigidas, pois não é possível alfabetizar crianças tendo como base um manual de instrução. Cabe ao professor alfabetizador transgredir sua realidade em sala de aula e a falta de investimentos numa educação de qualidade.

O professor alfabetizador deve ter em mente que o saber não é algo estático, parado no tempo, ele está em constante transformação, ele é dinâmico, assim como sua prática em sala de aula. Para tal, o docente deve abrir espaço em suas aulas e incentivar uma prática pedagógica que valorize o diálogo com o seu aluno, que se preocupe com o ensinar em sala de aula, dando-se a oportunidade também de aprender, pois o professor também está em um processo contínuo de transformação.

Tendo em vista os desafios presentes e constantes nas salas de aulas é necessário compreender que devemos nos convencer de que se pode ir ainda mais além, quando temos um olhar diferenciado para a formação continuada que, necessariamente, não se produz apenas no interior de pós- graduação, em nível de especialização, mestrado ou doutorado, mas também nas leituras que produz, nas trocas de experiências entre os professores de distintas realidades e que pode progredir a formação docente, resultando, assim, na construção de uma prática que a formação inicial não é capaz de suprir.

Mesmo nos conteúdos mais difíceis, a partir de novas indagações, dúvidas e pequenos questionamentos dos alunos podem levar o professor à reflexão, à pesquisa e ao novo entendimento do conteúdo ensinado, desse modo, ocorre desenvolvimento pela prática profissional ou durante ela.

Nesse contexto Garcia (1996, p21) afirma que o professor ou professora.

Aprende a ver com outros olhos, a escutar o que antes não ouvia observar com atenção o que antes não via registrar o que observa e experimenta, a ler teoricamente a sua prática, a acreditar na sua capacidade profissional, na medida em que elabora estratégias metacognitivas e lingüísticas. Torna-se uma professora que pesquisa e uma pesquisadora que ensina. Pesquisa em ação e que visa a ação – pesquisa – ação no melhor sentido.

O professor alfabetizador e pesquisador pode possibilitar uma prática pedagógica que incentive o diálogo com seu aluno, se preocupe com seu ensinar na sala de aula, porém fazendo com que este professor se coloque como um verdadeiro aluno e também estar disposto a buscar e aprender.

3. ASPECTOS HISTÓRICOS

3.1 Um pouco da história de Mogeiro

A região onde se situa o município era primitivamente habitada pelos índios Cariris. O primeiro registro de posse foi requerido em 11 de maio de 1758, por Manoel Pereira de Carvalho, ao então Governador da Província, José Henrique de Carvalho, que recebeu uma porção de terras situadas em Taipu, entre o rio Paraíba e o riacho Mogeiro, onde foi iniciada a colonização. Em 1856, através da Lei Provincial nº 210, foi criado o termo "Mogeiro de Baixo" (atribuído à Fazenda São João, hoje conhecida como Mogeiro de Baixo), pertencente a Ingá. Em 1874, pela Lei Provincial nº 569, foi criado o termo "Mogeiro de Cima" (atribuído a um povoado que surgira próximo a Mogeiro de Baixo), também pertencente a Ingá, e que pela Lei Provincial nº 512, de 5 de julho do mesmo ano, o tornou na Freguesia de Nossa Senhora das Dores.

Pela Lei nº 612, de 5 de julho de 1876, foi criado o distrito de Mogeiro de Cima, vinculado à jurisdição de Ingá. Em 18 de maio de 1890, devido à grande influência do Conselheiro Manoel Faustino da Silva, a Lei nº 125 foi assinada pelo governador Venâncio Neiva, anexando o distrito ao município de Itabaiana, ao qual pertenceu até a sua emancipação. ‘

Até o ano de 1900, realizava-se uma feira livre em Mogeiro de Baixo, quando o subdelegado Henrique de Andrade Bezerra transferiu-a para o povoado de Mogeiro de Cima. Dado o seu desenvolvimento, Mogeiro de Cima passou a sede do município, cuja emancipação se deu pela Lei nº 2.618, de 12 de dezembro de 1961, desmembrado de Itabaiana, com a denominação de Mogeiro. Quanto a Mogeiro de Baixo, como é conhecido até hoje, passou à condição de bairro da cidade.

3.1.1 História Política

Com a emancipação do município, o primeiro prefeito nomeado como interventor foi Diomedes Martins da Silva. Na primeira eleição para prefeito, em 1962, foi eleito o Sr. José Benedito da Silveira, José Silveira, como era conhecido. A antecipação de sua posse, antes de expirar o prazo fixado pela Justiça Eleitoral para o prefeito em exercício, Diomedes Martins da Silva, deixar o cargo, constituía-se numa atitude arbitrária, mas ainda assim ele insistiu. Colocou uma mesa numa sala anexa a uma casa residencial, convocou seus vereadores, improvisou uma seção e empossou-se no cargo. Daí em diante, houve ameaças e

descomposturas, culminando no seu assassinato em 7 de novembro de 1962. Do ponto de vista político José Silveira é lembrado até hoje e considerado a maior personalidade Política do Município.

Abaixo segue a lista de prefeitos de Mogeiro:

Nº	Nome	Início do mandato	Fim do mandato	Observação
1	Diomendes Martins da Silva	1961	1962	Interventor
2	Djalma Silveira Lira	1962	1966	Vice-prefeito
3	Luiz Gonçalves de lima	1967	1969	
4	Walfrido de Melo Silveira	1970	1972	
5	Luiz Gonçalves de Lima	1973	1976	2º mandato
6	Walfrido de Melo Silveira	1977	1982	2º mandato
7	Luiz Gonçalves de Lima	1983	1988	3º mandato
8	José Antônio da Silva	1 de janeiro de 1989	31 de dezembro de 1992	
9	Margarida Maria Silveira Gomes	1 de janeiro de 1993	31 de dezembro de 1996	
10	José Paulo da Silva	1 de janeiro de 1997	31 de dezembro de 2000	
11	Margarida Maria Silveira Gomes	1 de janeiro de 2001	31 de dezembro de 2004	2º mandato
12	Margarida Maria Silveira Gomes	1 de janeiro de 2005	31 de dezembro de 2008	3º mandato
13	Antônio José Ferreira	1 de janeiro de 2009	31 de dezembro de 2012	
14	Antônio José Ferreira	1 de janeiro de 2013	31 de dezembro de 2016	2º mandato
15	José Alberto Ferreira	1 de janeiro de 2017	Atualidade ^[18]	

4. IDENTIFICAÇÃO E HISTÓRICO DA ESCOLA

4.1 PERFIL DA COMUNIDADE ESCOLAR

A E.M.E.I.E.F Antônio José de Andrade, procura atender as necessidades de sua comunidade, oferta O ensino de nível Infantil e Fundamental I, das séries Pré I até 5º ano, são crianças da própria comunidade, de classe média baixa, que sobrevivem da agricultura familiar, onde cada morador arrenda um pequeno lote de terra e nele planta o que venha a suprir as necessidades de sua família, como: feijão, milho, macaxeira, batata doce, inhame e amendoim, outro tipo de conseguir uma renda vem de programas sociais como o Bolsa Família, Bolsa Estiagem, Cadastro Único, Bom Parto, Brasil Alfabetizado, Brasil Carinhoso, dentre estes tem aqueles com o objetivo de cadastrar todas as famílias de baixa renda do país como aqueles que vem contribuir com ações para as melhorias familiares financeiramente. Aquelas famílias que possuem renda mensal abaixo de um salário mínimo, recebe do governo federal uma quantia razoável para manter todos da casa. Em alguns casos, o patriarca da família procura outro meio para sustentar a todos, saindo de sua terra natal para o sul e sudeste do país em busca de uma vida melhor. Dessa forma, os alunos, muitas das vezes, passam um período do ano ou até o ano inteiro fora do convívio do pai.

Também foi possível perceber que para alguns alunos a merenda da escola é tida como uma refeição a mais ou até supre a falta de alguma.

4.2 Descrição da realidade escolar

A Escola Antônio José de Andrade está localizada no Sítio Pintado, município de Mogeiro, no agreste paraibano, fica a 5 km da cidade de Mogeiro está situada na zona rural em uma planície as margens da BR 408.

Horário de funcionamento da Escola

- No turno da manhã: de 07: 00 às 11: 00 horas

- No turno da tarde: das 13: 00 às 17: 00 horas

4.2.1 Infraestrutura

Sua área total é de 468m² e sua área construída é de apenas 164m². Foi fundada em 1976, no terreno doado pelo Sr. Antônio José de Andrade, sendo construído na gestão do

prefeito Luiz Gonçalves de Lima, possuindo uma estrutura física pequena, com apenas 02(duas) salas de aula, 01 (uma) cozinha, 01 (um) almoxarifado, 02 (dois) banheiros e 01 (uma) pequena área, que se localiza logo na entrada da escola. Não dispondo de área de lazer ou pátio para recreação, no entanto adaptou-se a parte da frente da instituição com um parque ecológico produzido com matérias recicláveis para se fazer a recreação das crianças.

4.2.2 Equipamentos e materiais da escola

A Escola possui alguns recursos eletrônicos, 01(uma) caixa de som amplificada, 07 (sete) computadores, sendo 02(dois) adaptados para crianças com necessidades especiais, 01(uma) impressora, 02(duas) bibliotecas móveis, com vários livros de leitura e literatura infantil, revistas pedagógicas, dicionários, alfabeto móvel, alfabeto ilustrado, material dourado, jogos de dama, xadrez, dominó, peteca, redes de vôlei, bolas de futsal, baleada, vôlei coletes e tênis.

4.2.3 Recursos Humanos

4.2.3.1 Corpo Docente

Tabela 1

Quadro demonstrativo da situação funcional do corpo docente.

MODALIDADE DE ENSINO	Nº DE FUNCIONÁRIO	FORMAÇÃO	TURNO	SITUAÇÃO FUNCIONAL	TEMPO DE SERVIÇO NA ESCOLA
Ed. Infantil	01	Pós-Graduada	Tarde	Efetivo	24 anos
1º Ano	01	Pós-Graduada	Manhã	Efetivo	05 anos
2º Ano	01	Pós-Graduada	Manhã	Efetivo	05 anos
3º Ano	01	Graduando	Tarde	Contrato	02 anos
4º Ano	01	Pós-Graduada	Manhã	Efetivo	04 anos
5º Ano	01	Pós-Graduada	Manhã	Efetivo	04 anos
Fonte: Secretaria da Escola					

4.2.3.2 Corpo Técnico Administrativo

Tabela 2

Quadro demonstrativo da situação funcional do corpo técnico-administrativo/pedagógico

CARGO	Nº FUNCIONÁRIO	FORMAÇÃO	TURNO	SITUAÇÃO FUNCIONAL	TEMPO DE SERVIÇO NA ESCOLA
Diretora	01	Pós-graduação	Manhã/tarde	Efetiva	
Vice-Diretor	-		-	-	-
Aux. De Secretária	-		-	-	-
Atendente de Biblioteca	-		-	-	-
Agente Administrativo	-		-	-	-
Psicologia	-		-	-	-
Supervisão Escolar	01	Especialização, pós-graduação	Manhã/tarde	Efetiva	
Orientação Escolar	01	Doutorado	Manhã/tarde	Efetiva	
Assistência Social	-		-	-	-
Fonte: Secretaria da Escola					

4.2.3.3 Corpo Discente

Tabela 3

Quadro resumo do número de alunos matriculados por série e turmas em 2017

MODALIDADES	Nº DE ALUNOS			TOTAL	Nº DE TURMAS			TOTAL
	M	T	N		M	T	N	
Educação Infantil	-	16		16	01			01
1º Ano	10	-		10	01			01
2º Ano	11	-		11	01			01
3º Ano		11		11	01			01
4º Ano	14	-		14	01			01
5º Ano	8	-		8	01			01
Fonte: Secretaria da Escola								
OBS: 1º e 2º anos, 4º e 5º ANOS, SÃO MULTISERIADAS.								

4.2.4 ASPECTOS DOUTRINAIS E FILOSÓFICOS

4.2.4.1 Filosofia da Escola

Ser reconhecida no município de Mogeiro como uma escola de Educação Infantil e fundamental que garanta alto nível de desempenho na aprendizagem de todos os alunos. Sendo referência em educação inovadora e aprendizagem cooperativa.

4.2.4.2 Objetivos Educacionais

Formar cidadãos por meio de práticas pedagógicas que respeitem a diversidade cultural e social, desenvolvendo as competências e habilidades exigidas no atual contexto social.

4.2.5 PLANEJAMENTOS DE ENSINO E AVALIAÇÃO

O planejamento escolar é uma tarefa docente em que se programam as ações que irá direcionar o trabalho do professor, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. Informadas disto, ao início de cada ano letivo nos reunimos com a equipe técnica da Secretaria de Educação, diretores e professores para juntos articularem o plano anual que irá nortear todas as ações docentes a serem desenvolvidas durante o ano letivo, em seguida fazem o fatiamento por bimestres. Do plano bimestral, fazem a sequência didática para uma semana. Nestes planos de aulas os professores elaboram um conjunto de atividades articuladas que seguem uma ordem, em que os conteúdos são trabalhados de forma significativa e funcional, com o objetivo de provocar nos alunos os conflitos cognitivos e a necessidade de modificar seus esquemas para passar a dominar o que ainda não domina.

Vale apenas ressaltar que a sequência didática é programada para uma semana de forma contextualizada.

Visando que a avaliação faz parte do processo ensino e aprendizagem, esta deve ser realizada de forma contínua e sistemática como objetivo de diagnosticar a situação da aprendizagem de cada aluno, em relação à programação curricular. A avaliação tem como funções básicas: Informar sobre o domínio da aprendizagem, indica os efeitos da metodologia utilizada, revelar consequências da atuação docente, informar sobre a adequabilidade curricular e programas, realizar feedback.

Com base no que acabamos de afirmar, achamos conveniente aplicar em nossos alunos as três modalidades de avaliação para garantir uma análise mais detalhada sobre sua realidade. Aplicamos a avaliação diagnóstica no início do ano e de cada assunto novo, a Formativa no Transcorrer do processo de ensino aprendizagem e a Somativa ao final de cada bimestre.

5. RELATO DE OBSERVAÇÃO

O Estágio Supervisionado II em Educação Infantil realizou-se na E.M.E.I.E.F. Antônio José de Andrade, no período de 24/03 a 30/06 de 2018 das 13:00 as 17:00 horas, tendo como orientadora a Professora e Mestra Antônia Evaristo. Com o objetivo de analisar as dificuldades encontradas nas salas de aula de alfabetização. A turma a ser observada foi uma turma de Pré I e II com a docente Francileide Sá, formada em Pedagogia e leciona no município de forma efetiva, demonstra habilidade e segurança em sua prática e, no entanto, para mim como estagiária não houve empecilho ou limitações para a realização do estágio.

Na segunda-feira, a professora inicia sua prática com uma acolhida de boas-vindas as crianças, na sequência recitam versos ou poemas para que se deleitem ao ouvir, dando continuidade oralmente e explanando o que irá abordar no decorrer da tarde, a professora continuamente faz uso de materiais didáticos, sucatas e jogos propostos pela escola que por sinal é riquíssima em materiais didáticos e paradidáticos, observei também que a professora usa de vários métodos de linguagens para expressar e alcançar seus objetivos.

Na terça feira, a docente iniciou seu trabalho com oração e música para acolher as crianças, na sequência fez-se uma leitura, chamada de Leitura Deleite, com o intuito de despertar o gosto de ler nas crianças e a partir deste ponto ela começou a trabalhar com a família silábica da letra “B”, onde fez uso de materiais como: bexigas, em uma das atividades utilizaram também de uma roda de conversa onde explanou a data comemorativa do dia seguinte.

Na quarta-feira, refez todo o processo de oração e música para acolhida das crianças, iniciou uma roda de conversa com uma pequena poesia para incentivar o gosto pela leitura das crianças, utilizou fichas de cartolinas e balões para trabalhar a letra “B” e fez uso de atividade xerocopiada dando a oportunidade da expressão e o uso da coordenação motora fina.

Na quinta feira, como de costume, fez-se a oração, cantou a música de boas-vindas, para acolher as crianças, fez a leitura deleite, com o texto “A hora do banho”, o qual serviu como base para iniciar uma explanação sobre higiene pessoal e na sequência abordou a letra “B” e a vogal “A” com a atividade de recorte e colagem, observando a coordenação para o uso da tesoura.

Na sexta-feira, acolheu as crianças como todos os dias, com música e oração de boas-vindas e, no decorrer de seu trabalho, a docente explanou o uso do numeral zero (0) com

atividades xerocopiadas e na sequência fez o uso de tintas para explorar a coordenação motora fina, aplicando as tintas com os dedos.

Após estes dias de observação da prática docente na sala de aula de Ensino Infantil na turma de Pré I e II da escola Antônio José de Andrade, concluí que o uso das múltiplas linguagens e diversos materiais pedagógicos se faziam necessário para ampliação do desenvolvimento e criatividade das crianças nas diferentes formas de desenvolvimento do conhecimento. Também foi perceptível como é importante o professor ter um olhar diferenciado com sua sala de aula, não estagnando o conhecimento em práticas ultrapassadas, mas, indiscutivelmente, o professor alfabetizador deve ter um olhar sagaz na busca de novas metodologias a fim de alcançar o objetivo educacional pretendido. A utilização de uma rotina fixa em sala de aula, também é uma ferramenta importante, pois, dessa maneira, os alunos se tornam agentes dos conhecimentos repassados em sala, não apenas meros alunos passíveis.

6. RELATO DA INTERVENÇÃO NA SALA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

No período de observação do cotidiano escolar pude analisar e identificar quais as possíveis dificuldades daquela sala de aula de alfabetização. Notei durante as observações na escola que a relação professora X aluno era de interação, respeito, afeto, amor e responsabilidade.

Após o período de observação do cotidiano daquela sala de aula optei por desenvolver uma proposta de trabalho com as crianças da Educação Infantil (nível 4 a 5 anos de idade) do PRÉ I e II a qual iria trabalhar as cores e a letra B com a poesia “As Borboletas”, Vinícius de Moraes com a prática metodológica de contação de histórias.

A partir deste pensamento, elaborei uma proposta de intervenção baseando-me nas Múltiplas Linguagens através das contações de histórias, para trabalhar as cores primárias.

A primeira atividade realizada foi uma roda com as crianças e conversar sobre as cores. As quais gostam? As quais acham mais bonitas? Visto que a professora já havia trabalhado com tal conteúdo, iniciei meu projeto com a história “A primavera e a festa das cores”, utilizando fantoches.

Como observei que as crianças adoravam brincar com as peças de lego e observar suas cores e formas, a segunda atividade, foi mostrar na televisão a história com todas as suas cores, formas e música e, em seguida, solicitei que fizessem alguns grupos das cores que estávamos trabalhando com as peças de lego.

A terceira atividade foi recontar a história “A primavera e a festa das flores”, frisando sempre as cores azul, amarelo e vermelho, e em seguida apliquei uma atividade de junção dos pontos onde formava uma das flores demonstrada na história.

Na quarta atividade, propus as crianças que cantássemos a música “arco-íris”, Xuxa para melhor fixar as cores e assim poder reconhecê-las.

A quinta e última atividade da minha intervenção foi a reapresentação da história por meio de um tapete móvel, onde as crianças tem o livre acesso ao material e as próprias crianças fazem a contação.

Ao término de minhas atividades, foi possível observar a descontração das crianças ao manusear o material confeccionado, o desenvolvimento e a criatividade na execução das atividades e a interação comigo estagiária e a professora do seu dia a dia. E encerrei meu estágio com uma culminância revivendo alguns pontos da história trabalhada e entrega de lembrancinhas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste estudo, foi possível concluir que a tarefa do professor alfabetizador é árdua, pelas grandes dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar, afinal é o alfabetizador quem irá abrir as janelas da leitura e da escrita para o educando avançar rumo às novas aprendizagens. Segundo algumas raízes teóricas, é o educador quem deve oferecer condições ao educando para a construção da leitura e da escrita no contexto escolar.

Deve-se se descartar a concepção errônea de que o aluno deve ser fruto de uma educação bancária, e incluir nas práticas educativas metas em prol de uma educação com sentido de construção não só de conhecimentos científicos, mas de significados, valores e cidadania no dia a dia escolar. Faz-se necessário repensar a educação com foco nas relações interpessoais, oferecendo ao aluno meios e possibilidades para a construção de uma aprendizagem significativa. Mas para realizar um trabalho satisfatório é imprescindível a interação entre família-escola, esquecer a "rixa" antiga de um culpar o outro pelo fracasso escolar do educando.

Portanto, sonhar com uma educação que objetive uma transformação social, é romper com o velho e ousar com o novo, na utilização de meios diversificados que conduzam o aluno à não somente ler letras, mas, essencialmente atribuir- sentido e significado naquilo em que se lê. Compreender que o papel do alfabetizador não é transferir conteúdos, mas sim dividir e construir saberes e oferecer aos alunos com dificuldades de aprendizagem conhecimentos contextualizados e prazerosos. Outro ponto bem pertinente neste estudo foi a falta da participação da família na vida escolar do aluno, assim faz-se necessário idealizar estratégias que despertem o interesse por relações de trocas de experiências no seio escolar entre família-escola-aluno. Uma boa sugestão para sanar essa deficiência seria o trabalho com projetos interdisciplinares com foco na família, convidando os pais para assistir palestras, participar de oficinas, contribuir com ações diversificadas para o sucesso escolar do filho.

O grande índice de indisciplina na escola atual é bem assustador, para reverter esse quadro faz-se necessário a implantação de ações que sensibilizem o educando no respeito por normas e regras. O aluno através dessas medidas deverá aprender o verdadeiro sentido da cidadania e dos valores morais, que irão refletir na sua formação social e ética. Neste estudo, foram elencados alguns desafios do professor alfabetizador em sala de aula, para superá-los o educador deve agir em conjunto com a comunidade escolar e com os pais para rever ações e criar outras no intuito de oferecer uma educação qualitativa ao aluno. Sabemos

cotidianamente são atribuídos ao professor alfabetizador a responsabilidade de alfabetizar e letrar o aluno, e lhe é exigido resultados por este trabalho. Porém o professor não desenvolverá um bom trabalho sozinho e desamparado, mas necessitará de apoio pedagógico e da família. Portanto, nessa tarefa árdua lhe compete o papel de promover o uso social dos diversos textos apresentados aos alunos, mostrar significados nas atividades diárias com ênfase na contextualidade do educando.

Na verdade, os desafios são importantes para amadurecer uma prática inovadora e transformadora, são eles que ofereceram ao professor subsídios para a construção do fazer escolar cotidiano. O alfabetizador não deve permitir que os desafios o amedrontem, mas que estes lhe provoquem uma constante inquietude que estimulará a busca de meios para desenvolver uma prática significativa e fundamentada teoricamente. Lidar com a alfabetização requer competência e compromisso com um ensino que vise uma genuína transformação social dos pequenos cidadãos que interajam no dia a dia escolar.

REFERÊNCIAS

- ALBRECHT, Tatiana D'ornellas. **Atividades lúdicas no ensino fundamental: uma intervenção pedagógica**. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2009. 106 p.
- BRASIL, **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC, 2016.
- BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. 18710
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: 2009. 5-11 p.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 26 ed. São Paulo: Cortez, 2011. 23-42 p
- FERREIRO, E., TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Trad. D.M. Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.
- GONÇALVES, Ângela Vidal. **Alfabetizar: por onde começar?** In: GOULART, Cecilia M. A.; SOUZA, Marta Lima de (coord.). **Como alfabetizar? Na roda com professoras dos anos iniciais**. Campinas: Papirus, 2016. Cap. 3. 45-56.
- LEMLE, Miriam. **Guia teórico do Alfabetizador**. 17 ed. São Paulo: Ática, 2009. 71p.
- LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. **Alfabetização: uma perspectiva humanista e progressista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SILVEIRA, Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica**. In: _____. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Cap. 2, p. 31-42.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO DISTÂNCIA

CURSO DE PEDAGOGIA – PARFOR/CAPES/UEPB

ESTÁGIO SUPERVISIONADO – EDUCAÇÃO INFANTIL

SUPERVISORA DE ESTÁGIO: Prof.^a Me. Antônia Evaristo de Melo Barbosa

GILCÉLIA SANTOS DA SILVA

DIFERENTES MANEIRAS DE CONTAR UMA HISTÓRIA

CAMPINA GRANDE – PB

2018

PROJETO DE INTERVENÇÃO

TEMA: Diferentes maneiras de contar uma história

TEMPO ESTIMADO: Uma semana, (11 à 15 de junho)

PÚBLICO ALVO: Ensino infantil 04 à 05 anos Pré I e II

JUSTIFICATIVA

O projeto didático surgiu com a necessidade do campo de estágio supervisionado, caracterizando-se com eixo de formação profissional, ampliando o conhecimento da aluna Gilcélia Santos da Silva, na compreensão e análise crítica do fazer pedagógico na sala de aula de Educação Infantil.

OBJETIVOS

1. Desenvolver o raciocínio, a expressão oral, a coordenação motora, a percepção auditiva e visual da criança;
2. Despertar a criatividade e o gosto pela leitura;
3. Identificar as cores primárias atreves das flores;
4. Desenvolver a autonomia e ter a iniciativa de recontar a história;
5. Desenvolver a linguagem oral;
6. Melhorar a interação e a comunicação das crianças.

METODOLOGIA

Para concretização deste estudo, usarei as seguintes técnicas: Observação, Revisão bibliográfica e análise do desenvolvimento do trabalho. Esse procedimento utilizado, possibilitará a ampliação do conhecimento teórico, bem como fundamentação dos pontos importantes que permearão o estudo. As principais fontes enfocadas serão: Livros, Publicações, artigos textos online. Reforçando dessa forma a compreensão da questão em pauta.

Utilizarei roda de conversa, leitura da história “A PRIMAVERA E A FESTA DAS FLORE” com um tapete móvel, dramatização com fantoches e conversa dirigida.

AValiação

Será feita através da participação, observação das crianças e envolvimento dos mesmos, tendo o objetivo de analisar o trabalho, verificar se houve aprendizado e ao mesmo tempo analisar se a metodologia foi satisfatória.

	<p>ESCOLA MUNICIPAL EDUCAÇÃO INFANTIL DE ENSINO FUNDAMENTAL ANTONIO JOSÉ DE ANDRADE.</p> <p>SITIO PINTADO, 10 DE JUNHO DE 2018.</p> <p>GESTORA: MARIA LEOZILDA.</p> <p>PROFESSORA: LEILA ADRIANE CORREIA</p> <p>ESTAGIARIA: GILCÉLIA SANTOS DA SILVA.</p> <p>SÉRIE: PRÉ I E II</p>
---	--

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

TEMPO ESTIMADO: UMA SEMANA DE 11 a 15 DE JUNHO

TEMA: Diferentes maneiras de Contar uma História

LEITURA DELEITE: POESIA “AS CORES”

SEGUNDA FEIRA 11/06/2018

1. Momento- Acolhida com música de boa tarde e boas vindas as crianças.
2. Momento- Apresentação da história, em vídeo para conhecimento.
3. Momento- Indagações relacionadas ao vídeo assistido.
4. Momento- Explanção oral das cores primarias ressaltando que é a partir delas que surgiu todas as outras.

TERÇA FEIRA 12/06/18

1. Momento- Acolhida com música de boa tarde e boas vindas as crianças
2. Momento- Recontar a história com fantoches coloridos frisando sempre as cores amarelo, vermelho e azul.
3. Momento- Atividade de pintura envolvendo desenhos de flores.

QUARTA FEIRA 13/06/18

1. Momento- Acolhida com música de boa tarde e boas vindas as crianças
2. Momento- Reapresentação da história, utilizando as flores para representar as cores, onde as crianças façam sua contação a partir do que já se trabalhou.
3. Momento- Atividade com massa de modelar par que eles reproduzam flores nas cores já trabalhadas.

QUINTA FEIRA 14/06/18

1. Momento- Acolhida com música de boa tarde e boas vindas as crianças

2. Momento- Apresentar um tapete e solicitar que a criança faça a contação a sua maneira, com a música da história a primavera e a festa das flores.
3. Momento- Atividade de recorte e colagem de flores que contenham as cores trabalhadas.

SEXTA FEIRA 15/06/18

1. Momento- Acolhida com música de boa tarde e boas vindas as crianças.
2. Momento- Culminância da intervenção, revendo todos os pontos importantes como, quais são as cores primarias e propondo as crianças que as indique no mural exposto em sala.
3. Momento- Entrega das lembrancinhas e agradecimento a professora, gestora e colaboradores da escola.

APRESENTAÇÃO DO PROJETO (COM A HISTÓRIA A PRIMAVERA E A FESTA DAS FLORES)



CONTANDO HISTÓRIA COM FANTOCHES



RECONTANDO A HISTÓRIA NO TAPETE



ATIVIDADES DE ARTES PLÁSTICAS: RECORTE E COLAGEM



ENTREGA DA LEMBRANÇA NA CULMINÂNCIA DO PROJETO

